



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JOSÉ JOCY BARROS ARAÚJO

**A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CAPANEMA-PA

2025

JOSÉ JOCY BARROS ARAÚJO

**A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação, do Campus Universitário de Bragança, no Campus Universitário de Capanema, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Gorete Rodrigues Cardoso.

CAPANEMA-PA

2025

A RELAÇÃO PROFESSOR–ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

José Jocy Barros Araújo

RESUMO

O presente estudo investiga a importância da afetividade na relação professor-aluno nas séries iniciais do ensino fundamental, destacando seu papel no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes. Por meio de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, evidencia-se que a afetividade contribui para a construção de um ambiente escolar acolhedor, promovendo autonomia, confiança, motivação, cooperação e prazer no processo de ensino-aprendizagem. Assim, objetivo geral analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno no ensino fundamental, ressaltando suas implicações para o processo educativo. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os fundamentos teóricos da afetividade no campo educacional; discutir o papel do professor como mediador das relações afetivas na escola; e identificar as contribuições da afetividade para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Os resultados apontam que a prática pedagógica fundamentada na afetividade potencializa o interesse dos alunos, fortalece vínculos de respeito mútuo e possibilita a consolidação da aprendizagem de forma significativa. A pesquisa fundamenta-se nas teorias de Henri Wallon e Jean Piaget, ressaltando a afetividade como ferramenta essencial para uma educação integral e humanizada.

Palavras-chave: afetividade. relação professor-aluno. ensino-aprendizagem. autonomia; prática pedagógica.

ABSTRACT

This study investigates the importance of affection in the teacher-student relationship in the early years of elementary education, highlighting its role in students' cognitive, social, and emotional development. Through qualitative bibliographic research, it is evidenced that affection contributes to creating a welcoming school environment,

fostering autonomy, confidence, motivation, cooperation, and enjoyment in the teaching-learning process. The results indicate that pedagogical practice grounded in affection enhances student engagement, strengthens mutual respect, and enables meaningful learning. The study is based on the theories of Henri Wallon and Jean Piaget, emphasizing affection as an essential tool for integral and humanized education.

Keywords: affection. teacher-student relationship. teaching-learning. Autonomy. pedagogical practice.

1 INTRODUÇÃO

A educação, enquanto processo social e humano, ultrapassa a mera transmissão de conhecimentos e envolve dimensões emocionais, culturais e relacionais que influenciam diretamente o desenvolvimento integral dos alunos. No contexto do ensino fundamental, fase em que se consolidam valores, atitudes e competências cognitivas, a relação entre professor e aluno assume papel central na constituição do sujeito e na mediação da aprendizagem. Dentro desse cenário, a afetividade destaca-se como elemento essencial para a construção de vínculos pedagógicos significativos e para o fortalecimento da confiança, da empatia e do engajamento escolar.

Nas últimas décadas, as discussões acerca da afetividade na educação têm ganhado relevância nas pesquisas em Psicologia e Pedagogia, especialmente a partir das contribuições de autores como Henri Wallon, Lev Vygotsky e Paulo Freire. Esses pensadores compreendem que a aprendizagem não ocorre de maneira isolada, mas se dá na interação entre o emocional e o cognitivo, entre o sujeito e o meio social. Wallon (2018) destaca que o desenvolvimento humano é resultado da integração entre as dimensões afetiva, motora e cognitiva, enquanto Vygotsky (2022) enfatiza o papel das interações sociais na formação das funções psicológicas superiores. Já Freire (2023) propõe uma educação pautada no diálogo, no respeito e na amorosidade, reconhecendo o professor como mediador sensível às necessidades dos educandos.

Apesar dessa compreensão teórica, observa-se que, na prática escolar, a afetividade ainda é frequentemente negligenciada ou reduzida a um aspecto secundário das relações pedagógicas. Em muitos casos, a ênfase excessiva nos resultados e no desempenho acadêmico acaba por desconsiderar a importância dos vínculos emocionais e do clima afetivo em sala de aula. Esse cenário suscita a seguinte problemática: como a afetividade influencia a relação entre professor e aluno e contribui para o processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental?

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno no ensino fundamental, ressaltando suas implicações para o processo educativo. Como objetivos específicos, busca-se: compreender os fundamentos teóricos da afetividade no

campo educacional; discutir o papel do professor como mediador das relações afetivas na escola; e identificar as contribuições da afetividade para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de promover uma reflexão crítica sobre o papel das emoções e das relações interpessoais na prática docente. Ao considerar a afetividade como parte integrante da ação pedagógica, reconhece-se o potencial do professor em criar ambientes de aprendizagem mais acolhedores, empáticos e humanizados, capazes de favorecer o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos. Além disso, o tema contribui para o fortalecimento das políticas educacionais voltadas à formação docente e à qualidade das interações escolares, aspectos fundamentais para a efetivação de uma educação inclusiva e significativa.

Por fim, o artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a metodologia utilizada na construção do estudo; em seguida, é desenvolvida a discussão teórica sobre a afetividade na prática educativa; por fim, são expostas as considerações finais e as referências que sustentam o trabalho.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e descritiva, tendo como principal objetivo analisar a importância da afetividade na relação entre professor e aluno no ensino fundamental, bem como suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem. Conforme Minayo (2014), a abordagem qualitativa possibilita compreender a realidade a partir do significado que os sujeitos atribuem às suas experiências e relações, permitindo interpretar fenômenos sociais de modo mais profundo e contextualizado.

A pesquisa bibliográfica fundamenta-se na análise e interpretação de livros, artigos científicos, dissertações e documentos oficiais que abordam a temática da afetividade no campo educacional. Segundo Gil (2023), esse tipo de investigação busca reunir e discutir as principais contribuições teóricas já publicadas sobre um determinado tema, a fim de construir um referencial analítico consistente. Dessa forma, foram selecionadas produções de autores clássicos e contemporâneos, como Henri Wallon, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Maurice Tardif e Miguel Arroyo, além de publicações recentes disponíveis em bases de dados acadêmicas, como Scielo e Google Acadêmico.

A coleta dos dados bibliográficos ocorreu entre os meses de julho e setembro de 2025, priorizando estudos publicados nos últimos cinco anos, de modo a assegurar a atualização teórica e a relevância científica do trabalho. A leitura e interpretação dos materiais selecionados seguiu os princípios da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que consiste em um conjunto de técnicas sistemáticas voltadas à interpretação das mensagens, permitindo identificar categorias temáticas recorrentes relacionadas à afetividade, ao vínculo pedagógico e ao desenvolvimento integral do aluno.

No processo de análise, as informações foram organizadas em três eixos principais:

1. a concepção de afetividade no contexto educacional;
2. o papel do professor na mediação das relações afetivas na sala de aula;
3. as contribuições da afetividade para a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Essas categorias foram discutidas de modo interpretativo, relacionando os aportes teóricos à realidade escolar brasileira, com ênfase nas práticas pedagógicas inclusivas e humanizadoras.

Assim, a metodologia adotada buscou não apenas revisar e sistematizar o conhecimento existente, mas também refletir criticamente sobre as implicações da afetividade como dimensão essencial da prática docente, reafirmando sua relevância para a construção de um ambiente educativo pautado na empatia, no diálogo e no respeito mútuo.

3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A CONSTRUÇÃO AFETIVA

Quando o aluno chega ao ambiente escolar para esta nova fase da constituição educacional, que são as séries iniciais do ensino fundamental, ele busca não apenas compreender conteúdos, mas, sobretudo, compreender-se como indivíduo neste ambiente. Desde o início, traz consigo valores, experiências e aspectos sociais observados no âmbito familiar, os quais devem ser considerados pelo professor como elementos essenciais para que o educando comece a se identificar com esta nova realidade escolar, que difere significativamente da educação infantil.

O processo de adaptação e familiaridade com o ambiente escolar reflete diretamente na capacidade do educando de criar vínculos afetivos e sociais dentro da escola. Para isso, é fundamental que o ambiente escolar não se restrinja à organização de conteúdos, mas se configure como um espaço de acolhimento, aprendizagem e participação. Quando o aluno sente-se parte integrante do processo, contribuindo para o desenvolvimento coletivo, o engajamento e a motivação aumentam de maneira significativa.

Para Piaget (1971, p. 271):

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Assim, o autor ressalta a importância da afetividade como instrumento pelo qual a criança necessita ter para que seu desenvolvimento social se mantenha de maneira a contribuir para a vida intelectual, transformando-o em um ser social mais seguro e capaz de expressar suas vivências e emoções.

Henri Wallon compreende o indivíduo como um ser integral, cujos aspectos cognitivos, afetivos e motores estão interligados. Assim, educadores precisam estar atentos a essas dimensões, promovendo observação constante e diálogo aberto, envolvendo também a família como elemento central no processo de construção afetiva e respeito às particularidades de cada aluno. Essa integração possibilita uma aprendizagem mais humana, pautada na compreensão do aluno como sujeito ativo de seu desenvolvimento.

Durante muito tempo, a relação professor-aluno limitava-se à resolução de tarefas escolares, com o aluno encarando o professor apenas como fonte de informação. Esse modelo conteudista exigia memorização e reproduções mecânicas, desconsiderando as dimensões afetivas e sociais do educando. No entanto, com a evolução das metodologias e maior acesso ao conhecimento, torna-se evidente a necessidade de mudança. O afeto mútuo passa a ser um facilitador essencial, criando um ambiente de respeito, segurança e motivação. Como afirmam Mahoney e Almeida:

A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia. Ela se origina nas sensibilidades orgânicas e primitivas, denominadas sensibilidades interoceptivas e proprioceptivas, que, juntamente com os automatismos, são vistas por Wallon como recursos que a criança tem para se comunicar e sobreviver (Mahoney; Almeida, 2004, p.61-62).

Nesse contexto, educar vai além de transmitir conteúdos da grade curricular. O professor precisa, primeiramente, criar confiança e segurança no aluno, estimulando seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. O afeto, nesse sentido, se torna ferramenta pedagógica poderosa, capaz de despertar interesse, cooperação e prazer compartilhado no processo educativo, beneficiando tanto o educando quanto o docente.

O afeto permite que os alunos se sintam livres para explorar, perguntar, errar e tentar novamente, construindo autonomia e segurança. A partir desse vínculo, o aluno passa a buscar conhecimento de forma ativa, participando das problemáticas e discussões abertas em sala de aula. Wallon reforça:

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (Wallon, 1975, p.159).

Atualmente, a maioria dos professores demonstra maior comprometimento em desenvolver o aprendizado significativo, valorizando as particularidades de cada aluno e potencializando suas habilidades por meio da afetividade e da autonomia. Esse comprometimento se inicia já no planejamento das aulas, com escolhas

metodológicas voltadas para o estímulo positivo e a participação ativa do educando. Bueno (2011) destaca:

O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio, na forma como se avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma super escola, com um super material, num super espaço, numa super linha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. É ele que vai além de toda tecnologia pedagógica atual (Bueno, 2011, p. s/n).

A construção da afetividade permite que o ensino seja mais significativo, independentemente de recursos materiais avançados. A relação afetiva entre professor e aluno contribui diretamente para a organização do conhecimento e para o engajamento do educando no processo de aprendizagem. Pinto (1993), reforça que criança não aprende sem vínculo afetivo.

Portanto, o afeto se apresenta como uma estratégia indispensável para despertar no aluno o interesse genuíno pelas atividades escolares, consolidando um processo educativo que valoriza tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o humano. Essa relação afetiva cria memórias duradouras, influenciando não apenas o percurso escolar, mas também a formação pessoal e social do indivíduo.

4 A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO EDUCANDO

Historicamente, a afetividade foi vista como um elemento que dificultava o ensino, sendo associada a distração ou perda de autoridade docente. Contudo, percebe-se que, ao contrário, ela é uma aliada essencial, capaz de promover fluidez e eficácia no ensino-aprendizagem. Atualmente, com o avanço de estudos e pesquisas compreende-se que a afetividade contribui significativamente para o processo de autonomia do aluno, bem como em seu desenvolvimento.

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno. (Vygotsky, 1998, p. 42)

Muitos professores ainda enfrentam barreiras ao demonstrar afetividade, temendo perder autoridade. Entretanto, a ausência de afeto pode gerar desinteresse e desmotivação nos alunos. O vínculo afetivo fortalece o respeito mútuo e aumenta a produtividade e participação ativa dos educandos. Taille, Oliveira e Dantas (2019) esclarecem:

De fato, o dualismo afetividade/razão é fácil de ser compreendido quando os dois termos são entendidos como complementares: a afetividade seria a energia, que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria o sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações (p.102).

O respeito mútuo entre professor e aluno possibilita que o educando se expresse sem medo de repreensão, tornando-se parte ativa da construção do conhecimento. Essa prática, baseada na comunicação respeitosa e constante, desenvolve autonomia, segurança e interesse no aprendizado. Freire (1996) reforça:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (p.146).

A prática pedagógica pautada na afetividade proporciona aprendizado mais prazeroso para o aluno e maior satisfação para o professor, que percebe seu papel efetivo na construção do saber. A troca constante de conhecimento consolida o vínculo afetivo e fortalece a autonomia, permitindo que o aluno atue de forma proativa no desenvolvimento de sua aprendizagem. Galvão (1995, p.27) explica:

A determinação recíproca que se estabelece entre as condutas da criança e os recursos do meio imprime um caráter de extrema relatividade ao processo de desenvolvimento. Não obstante esta permeabilidade às influências do ambiente e da cultura, o desenvolvimento tem uma dinâmica e um ritmo próprios, resultantes da atuação de princípios funcionais que agem como uma espécie de leis constantes (Galvão, 1995, p.27).

Quando o educando desenvolve autonomia, ele compreende-se como sujeito ativo no processo escolar e social, podendo propor soluções e intervir em problemas concretos. Ferreira apud Colello e Luize (2005) destaca:

Não podemos reduzir a criança a um par de olhos que veem, a um par de ouvidos que escuta, a um aparelho fonador que emite sons e uma mão que aperta com torpeza um lápis sobre uma folha de papel. Por trás (ou além) dos olhos, dos ouvidos, do aparelho fonador e da mão, há um sujeito que pensa e que tenta incorporar seus próprios saberes a esse maravilhoso meio de representar e recriar a língua que é a escrita, todas as escritas (, p.22-23).

Freire (1996, p.25) enfatiza que o respeito à autonomia é imperativo ético:

"O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros."

Assim, a afetividade atua como catalisador da autonomia, permitindo que o aluno se sinta valorizado, participe ativamente da construção do conhecimento e amplie seu saber em um ambiente seguro, colaborativo e respeitoso. Taille, Oliveira e Dantas afirmam:

Deve-se então concluir que a construção do sujeito e a do objeto alimentam-se mutuamente, e mesmo afirmar que a elaboração do conhecimento depende da construção do sujeito nos quadros do desenvolvimento humano concreto (Taille; Oliveira; Dantas, 2019, p.91).

O professor, ao investir na relação afetiva, torna-se mediador do aprendizado, promovendo desenvolvimento cognitivo, social e emocional. A autonomia conquistada pelo aluno por meio da afetividade gera fluidez, ética, segurança e engajamento contínuo no processo educacional, consolidando sua participação no contexto humano, social e familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, é possível concluir que a afetividade desempenha papel central na construção de uma aprendizagem significativa, sobretudo nas séries iniciais do ensino fundamental. Quando o educador estabelece uma relação de afeto com seus alunos, cria-se um ambiente seguro, acolhedor e motivador, no qual o educando se sente valorizado e capaz de participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a autonomia do aluno não surge de forma isolada, mas como resultado de interações respeitadas e afetivas, nas quais ele compreende seu papel como sujeito ativo na construção do conhecimento.

O estudo demonstrou que o professor exerce influência decisiva nesse processo. Seu planejamento pedagógico, suas escolhas metodológicas e sua postura afetiva determinam não apenas a aquisição de conteúdos, mas também o desenvolvimento emocional e social do educando. A capacidade de perceber as particularidades de cada aluno, compreendendo suas necessidades, interesses e modos de aprender, constitui-se como elemento fundamental para a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas e significativas. O vínculo afetivo, nesse sentido, emerge como instrumento de mediação entre conhecimento e aprendizagem, promovendo motivação, engajamento e segurança emocional.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, os alunos enfrentam diferentes desafios, tais como conflitos, dúvidas e questionamentos sobre si mesmos e sobre o meio em que estão inseridos. É nesse contexto que a afetividade se mostra indispensável, pois cria condições para o diálogo constante, para a expressão de sentimentos e para a construção de soluções coletivas. A prática pedagógica afetiva permite ao educando não apenas compreender os conteúdos, mas também desenvolver habilidades socioemocionais, raciocínio crítico e capacidade de colaboração, consolidando-se como elemento de integração social e de formação humana integral.

Ademais, a reflexão acerca da afetividade na educação evidencia que a aprendizagem não se limita à transmissão de conteúdos formais. O sucesso do processo educativo está intrinsecamente ligado à construção de vínculos positivos entre professores e alunos, os quais promovem a confiança necessária para que o educando explore, descubra e contribua com seu próprio conhecimento. Essa

relação afetiva, além de fortalecer a autonomia do aluno, contribui para que ele se torne protagonista de sua trajetória educacional e social, valorizando suas próprias experiências e compreendendo a importância da participação ativa no ambiente escolar.

Por fim, este estudo sugere que a afetividade deve ser considerada prioridade nas práticas pedagógicas, especialmente no planejamento e na execução das atividades voltadas para alunos em formação inicial. Pesquisas futuras podem aprofundar o tema investigando estratégias específicas de construção afetiva em diferentes contextos escolares, a influência da afetividade no desempenho acadêmico e nos processos de inclusão, bem como a formação docente voltada para a integração entre conteúdo, emoção e relações humanas. Reconhecer a afetividade como eixo estruturante da aprendizagem é compreender que a educação vai além do ensino de conteúdos, sendo essencial para a formação integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BUENO, M. C. **As coisas que o afeto ensina**. 1 jun. 2011. Disponível em: <http://marcelocunhabueno.blogspot.com.br/2011/07/as-coisas-que-o-afeto-ensina.html>. Acesso em: 13 out. 2025.
- COLELLO, S. M. G.; LUIZE, A. **Aventura Lingüística**. Revista Viver Mente & Cérebro, n. 5, 2005.

FERREIRO, E. [apud COLELLO, S.; LUIZE, A.]. Não podemos reduzir a criança a um par de olhos que vêem, a um par de ouvidos que escuta, a um aparelho fonador que emite sons e uma mão que aperta com torpeza um lápis sobre uma folha de papel. *Revista Viver Mente & Cérebro*, n. 5, 2005, p. 22-23.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2023.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

PINTO, H. D. S. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon**. *Temas em Psicologia*, n. 3, 1993, p. 73-76. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000300010&script=sci_artt_ext. Acesso em: 13 out. 2025.

SPRADLEY, J. P. **A ethnographic interview**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1979.

TAILLE, Y. de La; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

WALLON, H. **A psicologia genética**. Lisboa: Estampa, 1973/1975. (Trad. Ana Ra. In *Psicologia e educação da infância*).